

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 20 DE NOVEMBRO DE 1916

ANO I—N.º 10

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO 1\$00 SEMESTRE . . . \$50

NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS.

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO DA ABEGOARIA, 28 — TELEPHONE 2337-C. — LISBOA

COMBOIOS DO ALGARVE

TODA a gente reclama, e com justificada razão, contra a deficiência dos comboios para o Algarve, e a má organização dos horários, não só para o Algarve, como também para o Alentejo.

Não é propicia a ocasião, nós bem o reconhecemos, para fazer despesas em maiores percursos de comboios, mas não quer dizer que se não possa melhorar o serviço existente, com um pequeno dispendio.

Não exigimos, como nem em tempo algum se poderá exigir, um serviço entre Lisboa e Algarve como o que existe entre Lisboa e Porto, pelo facto de o tráfego do Algarve não o permitir.

Mas também deixar a ridente provincia algarvia com um comboio apenas, e esse mesmo nocturno, parece-nos pouco, mesmo pouquissimo.

Os comboios nocturnos, são muito bons para o serviço de correio, e recovagens, generos frescos e para os passageiros cujo tempo é dinheiro, mas impróprio para quem deseja fazer uma viagem de recreio, ou de negocio que não exija absoluta urgencia.

Ninguem depois de uma viagem nocturna lhe apetece passear, e muito menos divertir-se. Quem viaja por prazer, quer comodidades superiores ás mais macias almofadas de uma carruagem.

Mas no nosso paiz, ninguem se convenceu ainda que, esse viajante de recreio, quando o obriguem a uma noi-

tada, a uma pessima ligação de comboios, ou a uma má hora de partida ou de chegada, deixa, na maioria dos



VIDAGO
PAVILHÃO PARA A VENDA DE TABACOS
(Vide artigo a pag. 76)

casos, de fazer a viagem com prejuizo do caminho de ferro.

Depois, ha outro ponto que foi sempre

digno do nosso reparo; a má ligação dos comboios, do Algarve com Estremoz e Vila Viçosa, e sobretudo em Vendas Novas, com a rede norte do paiz.

Antes de existir a linha de Vendas Novas, toda a gente a reclamava, como indispensavel á rapida ligação do Norte com o Sul do paiz.

Fez-se a linha e todos nós rejubilamos, por ver enfim um sonho antigo realiado. Pois deixaria de se fazer a viagem por Lisboa e tomar-se-ia a linha directa, que encurtava o percurso em 50 kilometros, e poupava uma extensa via fluvial.

Fizeram-se as ligações dos comboios, encontrando-se sempre em Vendas Novas, sem grandes demoras, a ligação para as linhas do Norte, e vice-versa.

Ha, porem, anos a esta parte, que essas ligações deixaram de se fazer, não sabemos se por culpa do Sul e Sueste se da Companhia Portugueza; mas o que é certo, é que quem sofreu com isso foi o publico, que leva menos tempo em vir por Lisboa do que seguir pela via directa; tornando-se portanto a linha de Vendas Novas, para tráfego de passageiros entre as duas redes, absolutamente inutil.

Actualmente o triste estado é este: o comboio n.º 303, que sae do Setil ás 9.12, e que leva passageiros de toda a linha do Norte e do Setil para o Sul, chega a Vendas Novas, 9 minutos depois do comboio para o Alentejo ter partido. Simplesmente pasmoso! . . .

Na vizinha Hespanha, onde o ser-

viço dos caminhos de ferro deixa, em algumas linhas, muito a desejar, como velocidade de comboios e conforto nas carruagens, não acontece tal. Pois que se encontra sempre nas estações de entroncamento o comboio que nos hade levar ás linhas combinadas; trens esses, que muitas vezes, não passam de comboios de mercadorias, mas que tornam a viagem menos fastidiosa que a demora de horas esquecidas nas estações de enlace.

Tambem do Algarve não se pode fazer a viagem directa para Estremoz e Vila Viçosa, sem que se demore na Casa Branca, 18 horas e 12 minutos, e no sentido inverso, 13 horas e 19 minutos. Pavoroso!

E quer-se assim fazer turismo em Portugal?

E' melhor não pensar n'isso.

Bem sabemos, que nos vem dizer, que o movimento de passageiros entre o Algarve e Vila Viçosa é tão pequeno, que, não merece a atenção da mais ligeira modificação nos horarios.

E' um erro. Um só passageiro que faça essa viagem por semana, merece essa facilidade, porque atraz d'ele outros irão, e se o trafego é tão diminuto, é licito attribuir o facto á falta da devida facilidade de enlace de comboios.

Vamos porem agora dizer o que nos ocorre para as relações com o Algarve.

E' indispensavel, estender o comboio n.º 5, que parte de Lisboa ás 8.15, até Faro, e d'ali dar-lhe continuidade até Vila Real pelo tramway n.º 997.

E, como comboio de regresso, um trem omnibus, que partindo de Faro pelas 10 horas, recebendo ali passageiros do comboio tramway de Vila Real n.º 990, esteja em Lisboa pelas 21.30. Tendo cruzado em Vendas Novas com o n.º 7, que de Lisboa partiu ás 16.35, e do qual receberá o restaurante.

O cruzamento em Vendas Novas tanto dos comboios n.º 5 e 4 como do 7 e do que acabamos de alvitrar, é indispensavel, para as boas relações com o norte do paiz.

O comboio de ida receberia as seguintes ligações, em Vendas Novas, do Norte; na Torre do Gadanha, de Montemor; na Casa Branca de Vila Viçosa, e em Garvão, da nova linha do Sado; porque sendo o cruzamento dos dois comboios em Garvão, ou Amoreiras, dariam eles uma optima ligação para a linha do Vale do Sado, tanto no sentido Beja-Lisboa como no de Tunes-Faro.

Em Tunes, tanto um como outro, podiam ter, sem fazer maior numero de comboios, optimas ligações com o

ramal de Portimão e d'este para o litoral algarvio.

No comboio de volta, havia as mesmas correspondencias, tanto em Casa Branca como em Vendas Novas, não acontecendo outro tanto com a linha de Moura, mas esta está optimamente ligada pelos comboios n.ºs 9 e 6.

Vir-nos-hão agora dizer que a criação destes dois comboios, traria um enorme aumento de percurso kilometro, e d'ahi uma consideravel despesa. Não, é um encargo pequeno, e as compensações justificam-no bem.

Não havia mais que, crear um comboio entre Casa Branca e Tunes, e vice-versa, ou seja um percurso diario de 402 kilometros; mas atendendo a que se poderiam deixar de fazer os comboios regulares de mercadorias n.ºs 201 e 202 entre Saboia e Tunes, já esse percurso ficaria reduzido em 94 kilometros, e teriamos assim só 308.

E tendo esses comboios, uma marcha perfeitamente igual á dos 9 e 6, poderiam tambem fazer serviço de grande velocidade e vagões completos, evitando d'essa forma, comboios suplementares.

E mais é que, sendo depois aos comboios n.ºs 9 e 6 por este facto aliviada a sua composição, poderiam eles fazer n'algumas partes do percurso serviço de pequena velocidade, e podendo-se-lhe dar mais uma hora a mais no trajecto, para poder rebocar maior carga, e assim evitar tambem trens suplementares.

Não é segredo para nós que, nas linhas do Sul e Sueste, desde a supressão dos comboios diurnos para o Algarve, tem-se feito maior numero de comboios de mercadorias, o que equivale dizer que se poupa de um lado para se gastar do outro, e com prejuizo grave para o publico.

Esquecia-nos, dizer que, os comboios, n.º 5 omnibus e n.º 114, acelerado de mercadorias, (regresso do n.º 7) e os 990 e 997, omnibus-tramways, desapareciam para dar logar aos dois comboios em questão.

São estas as nossas considerações sobre o serviço, Lisboa-Algarve, e os passageiros algarvios, parece-nos que são dignos de toda a atenção da Direcção do Sul e Sueste.

GUERRA MAIO.

COSTUMES PORTUGUEZES

A FEIRA DE FAMALICÃO

UMA feira!... Que recordações ruidosas, garridas e troantes nos desperta esta palavra, já de si revolucionária pela ideia que representa, mas terna e meiga no som das suas poucas letras suaves e acariciadoras!...

Filha da Edade-média, neta radiante d'esses tempos de cavalheirismo em que, para comerciar, era preciso reunir, evitando os bandidos, a feira quanto já não seja uma absoluta necessidade social, mantem-se e guarda, no seu complicado esplendor, toda a essencia, todo o sabor mediavel. Lêem-se n'elas, páginas da historia; o progresso, que tantas belezas e tanta corrupção traz, parece temer o arraial, deixando livre ás feiras o campo da tradição.

Passaram seculos sobre os mercados periódicos, sempre inspirados por uma festa religiosa, da Provença, da Champanhe, de Aragão e das Castellas; mas a feira não cahiu com as instituições feudaes; antes se avigorou nos tempos modernos, civilizando-se ligeiramente, sem perder a beleza máscula de que os antigos sabiam impregnar até os seus mais grosseiros costumes. A Renascença deu-lhe Arte, juntando ao aparato comercial os jogos da Grécia; e assim a feira de

hoje é, ao mesmo tempo, um certamente de mercadorias e um concurso de manifestações artisticas.

Mas a feira portugueza é principalmente, como para a Hespanha as *férrias*, o quadro mais fiel dos costumes nacionaes. A moda franceza não entrou ainda n'essa multidão que compra ou vende sirguilha ou arrecadas, experimenta gados, e cavalga pòtros... Tudo ali é nosso, nitidamente portuguez, sem mistura, ou com um leve tom de modernismo a afogar-se nas velhas, purissimas usanças.

Na feira portugueza, ama-se. O namoro que eu vi, ele de varapau apoiado no sovaco e a perna cruzada, ela, defronte, romantica, de mãos apertadas sobre a cintura, o rosto contemplativo e ultra mundano — é o mais fino typo do velho amor, que se extinguiu nas cidades, e perdura no campo, sempre meigo e sempre consolador...

Ali tudo ama: os próprios gados, que se expõem no campo, têm um ar de doçura, e, ao despedirem-se as crias de suas mães, ha gritos de dôr, no auge da escravatura animal, que condemna seres muitas vezes mais humanos que o próprio homem das cidades...

Era a tarde de segunda feira, quando cheguei a Famalicão, n'uma doce companhia d'algres viajantes. O comboio viera cheio: silvos estridulos cortaram a marcha, que eu passei com os olhos ora embebedos nas letras zombeteiras d'um jornal hespanhol, ora enlevados na paizagem do Minho, que a linha férrea divide em talhadas de verdura...

Cada estação tem os seus caracteres typicos: o pratico não precisa de ve-las para as reconhecer; basta ouvir os pregões, que em cada uma soam sempre os mesmos, para ter uma noção exacta do lugar em que está.

Depois de se ouvirem apregoar as «regueifas—algeibeiras» n'uma voz languida, que é o distinctivo da Trofa, galga-se a bela ponte sobre o Ave, passam-se alguns kilómetros, e surge, recostada n'um cesto de colinas, a interessante e pitoresca Famalicão, que não tem nada de feio, alem da dureza do seu nome.

O trem que nos havia de conduzir á vila (porque a estação é distante) merece uma analyse: armação desconjunctada e poeirenta, assentos duros, rodas amarelas, cavalos trôpegos e cocheiro amavel — taes eram os caracteristicos d'aquella tipoiá, que são em geral os de todos carros de provincia.

A estrada serpeia n'uma encosta suave: logo é completamente lisa, deixa á esquerda um cemiterio, vae tendo a orla-la cada vez mais casas, e em breve se embrenha coração da vila, que hoje pulsa com o sangue de raras esturdias, n'um frémito de vigor.

Em tudo se nota que ha festa. As casas teem um ar franco: os hotéis regorgitam de hospedes, e pelas ruas ha caras pasmadas, que denunciam logo o forasteiro.

A minha devia ser optima... Principalmente quando cheguei ao hotel, uma casa de dois andares com leões no telhado, ali pelo Campo da Feira, a minha surpresa foi imensa, ao dizerem-me que não havia quarto! Pois onde havia eu de dormir?

Era meia noite quando fomos ao circo e d'ali ao hotel. A minha cama fôra tomada por outro! O meu destino era dormir na rua! Fiquei enfurecido: de assalto conquistei um leito para n'ele dormir.

Restava apenas um colchão, que o dono da casa, por signal bem pouco amavel, poz ao meu dispôr, combinando-se que m'o instalaria sobre uma das mesas da sala de jantar...

Vejam, caros leitores, como um infeliz mortal pôde, em dadas circumstancias confundir-se com os alimentos, indo ocupar o lugar d'eles. E, quem sabe?...

Mas dei por bem empregados os meus sacrificios. Ante o hotel de de-

sastrada memoria estendia-se o Campo da Feira já repleto de gados, cheio de barracas, de onde aqui e além sahiam sons festivos. O circo onde os histriões certamente ensaiavam a pantomima, erguia no espaço a lona semelhante a um balão, que lhe servia de cobertura. De largo os horizontes limitavam o quadro, ondulado sinuosamente, sob um céu pardacento, que tudo remata, servindo-lhe de cupula.

Jantamos e com orchestra. Em Famalicão a musica prodigalizava-se, sem distincção d'auctores: o violino tangia de mistura com a voz humana em ondas de sons desordenados... E tudo aquilo era pitoresco, barato, curiosissimo...

Terminada a refeição e o concerto, um braço amigo levou-me a um passeio pela vila, em direcção ao café. Houvéra brindes com vinho verde! Ia haver bailes andaluzes, requebros extraordinarios de mulheres galantes.

A noite passou-se, com effeito bem. Um pequeno café de provincia, com uma roleta no mais intimo das entradas e alguns adornos, por engodo, cá fóra na ante-sala, enchia o ar com acordes de piano, e oferecia aos olhos avidos de belas formas os sorrisos e os olhares de duas bailarinas provocantes.

Eram duas creanças: uma d'olhos vivos, ferindo lume, cabeça loura, porte esbeltissimo, flexivel e sensual como o seio d'uma vaga, denotava, comtudo, no fluído dos sorrisos, um átomo de tristeza. Era vê-la e ama-la. N'um momento todos os olhos ficavam prêsos aos seus, e quantos destinos se lhes uniriam tambem!

Ao primeiro bailado, a turba que enchia o café, quedou perplexa. Feliz da mão que podia estreitar aquelas, que podia sentir, pelo menos, a sêda d'aqueles vestidos, deslumbrantes!...

Havia empenho em colher uma flôr dos seus cabelos, uma palavra d'aquelas bocas purpurinas, que provocavam sonhos...

Na manhã seguinte, mais que a musica do café, tanto como os sorrisos das irmãs Garnier, arrebataram-me do leito as galas brilhantes da Natureza.

Então valia a pena contemplar d'uma varanda o Campo da Feira. Profusão de cavallos e bois expunham ali o dorso poderoso. Os burros zurravam insistentemente, e havia-os tenores, baritonos e baixos...

Nas barracas vendiam-se joias, riscados, perfumarias, artigos de luxo — toda a decoração d'uma grande cidade.

As mulheres da provincia ostentavam no peito contos de réis em ouro. Os homens, garridamente vestidos, experimentavam cavallos...

Pela tarde e á noite voltou a haver bailados no café. E assim se passaram os dias da feira de Famalicão.

Hoje só fallam d'ella algumas folhas seccas e as paginas dos diários dos sonhadores...

CARLOS AFFONSO DOS SANTOS

COMBOIOS INTERNACIONAES

COM a mudança da hora, no dia 1, alterou-se novamente o horario internacional, trazendo com isso algumas vantagens aos passageiros a Extremadura hespanhola que podem chegar a Lisboa á 1.8 da noite e aos de Madrid que chegarão como antigamente ás 14.21!

No sentido inverso, não succedeu assim, pois o excelente serviço internacional pela Beira Alta, que permitia a ligação do rapido que de Lisboa parte ás 8.30, com os comboios hespanhoes, ficou agora sem effeito, fazendo-se todo o serviço pelos comboios correios, sendo portanto a partida de Lisboa ás 21.35 do dia anterior ou seja 10 horas e 55 minutos mais cedo.

Estamos porem certos que, as ligações entaboladas com as Campanhas de Salamanca á Fronteira de Portugal e Medina a Salamanca, terão um bom exito e o restabelecimento do magnifico comboio não se fará esperar.

MUSEU BORDALO PINHEIRO

FIZEMOS ha dias uma demorada visita a este muzeu, propriedade do sr. Cruz Magalhães, o qual foi legado á Camara Municipal de Lisboa.

No proximo numero faremos uma larga referencia á genial obra de Bordalo Pinheiro ali exposta.

A entrada no Muzeu é franqueada ao publico, todos os Domingos, mediante um bilhete de 10 centavos, producto este que reverte a favor da Cruz Vermelha.

BIBLIOGRAPHIA

A absoluta falta de espaço inibi-nos de fazer hoje referencia a varias publicações que nos foram enviadas, o que faremos no proxima numero.

VIDAGO

PERTENCE a uma publicação como a *Revista de Turismo* o dever de tornar conhecidos dos seus leitores o belo torrão de Portugal e os varios e pittorescos rincões que, aqui e além matizam o paiz, os seus alcantilados, como os seus valles, os seus aspectos marítimos, como os seus variadissimos panoramas campestres. As suas estancias mais arborizadas, mais pitorescas, como Cintra,

No local onde existe, a primeira fonte de aguas mineraes bicarbonatadas e sódicas do paiz, na privilegiada região thermal de Vidago havia um misero barracão abrigo, que cobria aquela verdadeira joia das aguas medicinaes. Esse barracão era uma das muitas vergonhas, que marcava a falta de iniciativa da Empresa que persistia em explorar aquele rico manancial pelo processo retrgrado em que os

Teixeira de Sousa e Dr. Antonio José Viana, iniciaram ha anos a remodelação das *Thermas de Vidago* procedendo ás grandiosas obras entre as quaes figuram o pavilhão da fonte de Vidago de que hoje tratamos.

É um monumental edificio em alvenaria, granito e parte em beton de cimento armado cujos projectos e construção foram confiados ao Sr. Antonio Rodrigues da Silva Junior architecto que ali projectou muitos outros trabalhos.

Compõe-se d'um corpo central amplo e grandioso tendo ao centro um intercolumnio que isola o local de captagem e engarrafamento das aguas do recinto destinado ao publico.

Exteriormente o seu aspecto impõe-se pela graciosidade das linhas geraes, azulejos decorativos, gradeamento em cimento armado que cobre até corpo do meio do qual se ergue um precioso e amplo zimbório de beton armado, terminando com um remate muito artistico, decorado em alto relevo tocado a ouro.

Interiormente tudo é apreciavel, desde os belos paineis de azulejo decorativo, a côres suaves, devido ao pincel do distincto artista Julio Silva, até aos pequenos detalhes da ornamentação de tectos, paredes e das enormes janelas com vidros corados que, côm uma luz quente e suave iluminam o artistico recinto. Comunica este corpo central com uma galeria de repouso formada por pilares com columnas, arcos abertos, a qual é coberto por um outro belo terraço que tem acesso por um escada ao ar livre colocada no extremo exterior da dita galeria. Esta parte é toda feita de beton de cimento armado, sendo muito

digna de apreciação pois é um dos mais belos exemplos d'este moderno processo de construção no nosso paiz.

Assim este pavilhão perfeitamente tipico o primeiro, não só do paiz mas talvez da Peninsula, é digno de ser imitado porque constitue uma verdadeira obra de arte.

Qual é o seu estilo? dir-se-hia, que deve filiar-se no bisantino á primeira vista, porém depois de observado vê-se que ele é uma das manifestações da epocha de renascimento das artes que se iniciou em Portugal a acompanhar o movimento mundial, que se observa marcando mais um passo e



PERSPECTIVA DA "FONTE DE VIDAGO"

Bussaco e Bom Jesus, entre outras, assim como as suas estações de cura de depauperamento physico, como a Serra da Estrela, como as de cura das diversas afecções, como Vidago, Pedras Salgadas, Entre-os-Rios e muitas outras em que o nosso paiz é tão abundante e rico.

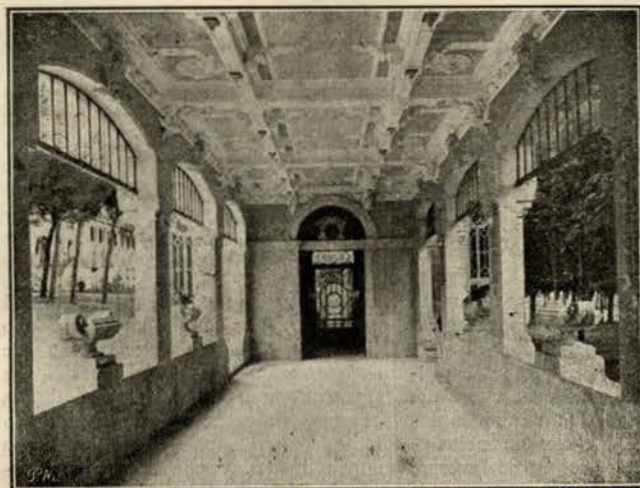
E, por isso, achamos conveniente, tratarmos do assumpto, começando pela, sem duvida, mais importante estancia thermal do paiz — Vidago — onde existe o Palace-Hotel, sem contestação o mais notavel da peninsula.

Tratamos, pois, da sua principal fonte a chamada *Fonte de Vidago*.

antigos comerciantes iniciavam e mantinham os seus negocios nos vãos de escadas dos predios, com a intenção de fazer poucas despesas e encher as suas arcas com o vil metal, com o menor dispendio possivel de esforço e despesa de exploração.

Ha poucos anos comprehendeu a Empresa das Aguas de Vidago que, não era possivel nem decente continuar a manter as privilegiadas thermas nas condições improprias e precarias em que a exploração d'aquelas aguas se fazia.

Tendo na direcção homens de iniciativa e mais largas vistas como Conde de Mendia, Conde de Caria,



GALERIA DA «FONTE DE VIDAGO»

uma etapa na caracterização sublime das artes.

A arte moderna, a arte contemporânea, a emancipação do espirito artistico permitindo a liberdade crear, de compôr, de fazer.

Os rigidos principios de Vignola não estão devolutamente postos de parte pois eles marcam uma graciosidade de proporção admiraveis, que a fatuidade não pode nem desconhecer nem desprezar, mas, a sua adopção como Dogma cessou e... passou, d'ahi esta liberdade, esta eman-



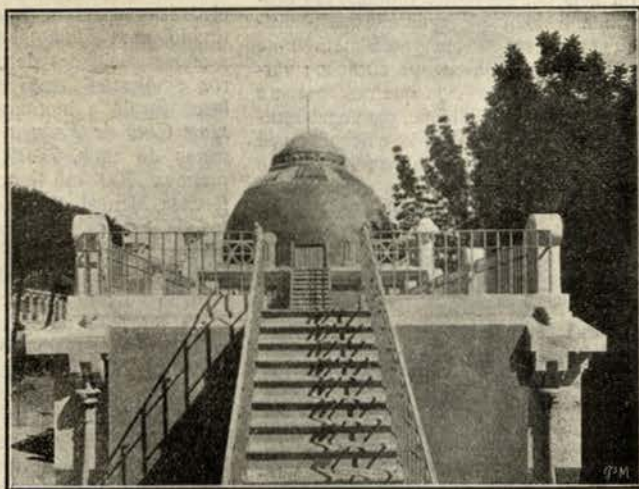
INTERIOR DA «FONTE DE VIDAGO»

cipação, que já está acentuando a época em que vivemos e que virá breve a crear deslumbramentos e encantos feericos.

As varias vistas, que sobre este pavilhão monumental publicamos, definem bem a leve descripção d'esta obra que enriquece as

thermas, talvez mais afamadas, hoje não só pela qualidade medicinal das suas aguas, como pelo conjuncto de melhoramentos locais que se impõem a todos que as visitam e as admiram.

Essa obra entretanto, assim artisticamente creada, é ainda um pregão



TERRAÇO DO PAVILHÃO DA «FONTE DE VIDAGO»

grandioso de quanto vale a iniciativa de homens de trabalho e acção que sabem juntar a utilidade que aproveita á arte, ao bom gosto, que delicia.

Fazê-la conhecida de todos é um estímulo e do estímulo parecem precisadas as empresas que exploram as nossas thermas e aqueles que, ou pela necessidade impellidos, ou arrastados pela moda, a elas acorrem todos os anos.

ARTE E LITERATURA

NOITE

A vida, durante a noite, tem um outro encanto. Os aspectos são tão diversos dos do dia, tão diferente tudo é, que a propria vida se manifesta mais intensa, mais alegre, mais cheia de brilho, como natural consequencia d'um novo espirito tonificado por exquisitas sensações, por arômas inebriantes ou por uma perfumada suavidade, ou, ainda, incensado pelas ondas vaporosas que se revolvem em peza-dos ambientes.

A alma apparece-nos robusta, como que sádamente refrigerada, pronunciando-se em toda a sua grandeza; e em nossos organismos uma nervrose insistente se agita, movimentando-nos, dando-nos alento, impulsionando-nos para os multiplos attractivos que se nos

apresentam durante o occaso do Sol e o consulado da Lua.

As esperanças renascem com o manto da noite, como que encontrando nas trévas do infinito um melhor campo para nos acalantar o espirito, momentaneamente esfriado pelo desaparecimento dos raios solares; e com ellas vem a alegria, surge o entusiasmo, sentem-se os effeitos da alma nova que em nós se manifesta, d'um espirito irrequieto que nos conduz para o mundo dos prazeres, para a onda do destino, para o caminho da via.

Todo o buliço que zumba, entonce-nos; toda a vertigem que perpassa, attrahe-nos, impellido-nos para a sua esteira, na ancia de satisfazer-se aos caprichos d'uma excitação ávida de receber continuamente as maiores sensações. E nos theatros, nos cafés e restaurantes, como nos clubs e nos

S. J.

salões de recepção, tudo em nós é expansão: expansão da alma, expansão do espirito, expansão da vida — d'essa vida ardente de desejos, insatisfeita de commoções, insaciada de gozar todos os prazeres, n'um egoísmo — talvez — desmedido, mas em paralelo com a rápida evolução do progresso em todas as mais requintadas manifestações da Natureza.

E' por isso que as vidas hoje são curtas — diz o vulgo; mas também os prazeres são outros; goza-se mais, mais intensamente, saboreando-se menos mas melhor tudo quanto nos distrahe e nos proporciona gozo de espirito, tudo quanto nos regala e enche a alma de alegria e, ainda, o que nos dá satisfação ao corpo.

Mesmo quando se padece, o soffrimento é mais atroz, as dôres intimas ferem com maior crueldade o nosso amago e o abalo produzido é mais sensível, mais exgotante, mais arrebatador. Soffre-se hoje, quer pela doença, ou seja por desgostos Moraes, tão profunda e dolorosamente que seria difficil supportar-se taes soffrimentos se não fosse a sua menor duração; porque é a própria vida que nos arrebatava com a sua materialidade, para em seguida nos erguer pelo genio, e depois quasi nos anniquilar com outro forte embate do destino. E assim ella nos conduz através os annos da nossa existencia.

Mas, ainda, no soffrimento, durante o periodo das nossas torturas moraes ou physicas, a Noite tem encantos diversos dos do Dia: a sensação do isolamento, a commoção do terror, os pensamentos lugubres que nos assaltam, a tristeza que nos inunda, são outros tantos motivos de apreço, de regozijo, mesmo, para o espirito, na recordação de factos passados, de momentos idos, muitas vezes até desejados por uma intraduzivel exigencia dos sentidos; porque estes, no aprumo da sua sensibilidade, comprazem-se com as sensações mais exquisitas e extravagantes.

Noite! Como és tão bella!

Para a intensificação das nossas alegrias ou das nossas maguas, a tua passagem marca inapagavelmente uma phase da nossa existencia, um quadro que, se por vezes foi reluzente de brilho, também se evidenciou fosco, como que velado pelo manto negro da infelicidade. Mas, sempre — e em todas as situações. Tu és a confidente, a testemunha dos nossos segredos e das nossas maiores intimidades.

Por tudo és e deverás ser sempre saudada com hymnos e com lagrimas — hymnos de alegria, lagrimas de tristeza.

JOSÉ LISBOA

Do livro inédito «TRAÇOS DA VIDA»

O MISTERIO

DA

LAGÔA DE MINDE E MIRA E SUAS CAVERNAS ADJACENTES

Continuação do n.º 8 (pag. 38)

DISTINGUE Taine seis variedades de turistas; mas podia acrescentar uma a que pertenceu.

O que é um turista? Pessoa de qualquer idade, sexo, ou paiz, que viaja por distração. Significa admiração das belezas naturaes, hygiene, exercicios ao ar livre, de verão como de inverno; abranje marcha a pé, a cavallo, de carruagem, bicicleta, automovel, caminho de ferro, o alpinismo e as derrotas em yacht, por mar e rios, em submarinos e aeroplanos.

Os seus progressos aceleraram sociedades especiais, tendo-se até constituido uma União internacional das grandes sociedades de turismo. Inumeros sindicatos fazem conhecer as belezas locais e monumentos. O *Touring Club de França* contava, ha dezenas de anos, 73.000 socios e empregava 700 mil francos, publicando Revista Mensal de Sítios e Monumentos da França, anuarios e guias; promovia melhoramentos das estradas, instalações de postos de socorros, colocação de milhares de postes indicadores, criação de informadôres locais, e o estudo de questões de interesse geral; recomendava, gratuitamente, mais de 2500 hoteis, cujo proceder superintendencia, facilitando até o cumprimento das formalidades alfandegarias. Se tudo isto, de longa data, se apregão, ninguem, deve pejar-se de turismo. Sinonimo de excursionismo, é velho como o Mundo, desde que tem homens de bom gosto.

No penultimo número dei-me já por hospedado em Minde, em 2 de Setembro de 1915; mas não cheguei lá, por meu pé, com essa pressa, nem referi como. Succedera-me ter parado um pouco em Alcanhões, no trajeto de Santarem a Pernes. Com duas companheiras acidentaes — mãe e filha — mantive conversação agradável até quinta cerca de Pernes, onde ficaram. Fômos encomodados com os solavancos da carrocinha do correio. Dois belos melões d'uma tenda local, comidos de parceria com o joven cocheiro, foram o episodio mais saboroso de tão aspera travessia. A de Pernes a Minde, posto que longa, foi, pelo contrario, encantadora, por ir a pé e sem estorvo de sobretudo, á laia dos spartanos que, não por imitarem os irracionais, mas para enrijarem, nunca mudavam de fato,

nem de verão nem de inverno. Manhã deliciosa. Até parece impossivel tão pouca gente para informações. Onde se bifurca a estrada para Torres Novas (*Parceiros*, se bem recordo), só alguns charutos de centavo e meio, mas não locanda provida para almoçar, mesmo sumariamente. Por felicidade, uma pequenita de onze anos, chamada Joana, surgio, oferecendo-me gentilmente uvas e figos, que vieram, como lá se diz, do Ceu aos trambulhões, porque o apetite era já de respeito. Depois de *Casais Romeiros*, para evitar delongas, cortei, sem cerimonia, a direito, por fazendas e côrregos, orientandome pela eminente e longinqua ermida de Santa Marta, onde, parece, ha grande romaria periódica e lapa de ver-se. Mulher varejando, informandome eu do caminho, chamou-me doutor, pelo que:

—Porque sabe a senhora que sou doutor?

—Por que nunca vi o senhor.

—Ora essa! Então assim trata todos os desconhecidos?

—E' que eu não conheço o sr. doutor Machado, que vive em Lisboa, mas está agora cá, e é dono d'aquela casal alem. Supuz que era ele.

—Pois enganou-se.

—Ah! Então queira perdoar.

—Fique-se em paz.

Antes da Goucharia que atravessiei (cujo morgadio andava, secularmente, nos marquezes de Fronteira e Alorna) abundavam: tanto as frutas sem testemunhas de defesa, que condenei, discricionariamente, as que bem quiz. Que verdadeiro Eden! Por certo estarão perto alguma Abadia de Thelemo, Utopia de Morus, ou Oceana de Harigton. Até me pareceu inacreditavel que tanto necessitado persista em Lisboa, onde as frutas estão sempre pela hora da morte nas Praças da Figueira e Ribeira Nova. A's dôse em ponto passei por *Moitas de Baixo*, e, ainda para evitar curva, segui, por ingreme e pedregoso atalho, a *Casas Robustos*, deixando á direita *Venda do Grave* e *Moitas de Cima*, e esquerda *Covão do Feto* e *Pena da Abitureira*, ingressando, a breve trecho, na suspirada e misteriosa Minde. Faz muita falta-lá um bom Hotel.

A *Casa Popular* do sr. José da

Silva, (ferrador, proprietario e vereador), casado com a sr.^a Maria Moreira, tinha ao serviço a sua prima Virginia. Era muito frequentada por uma cunhada do sr. Silva, tambem casada. Tinha, além d'isso, a fortuna de ser enfeitada por tres querubins, Olimpia (7 annos) Anna (5) e Natercia (32 meses), sendo a mais velha tão precoce que até substitua os paes, e muito bem, nas contas e tráfico da tenda e taberna subjacente. Pena tenho que as suas photographias, como a de seu pae, não sejam, pelo traço, características da região, para terem cabimento.

O meu primeiro cuidado foi percorrer a povoação, que quasi toda labuta em teares, por conta propria, ou para as fábricas. N'uma comprei logo, para lembrança da terra (tão agricola e fabril que ninguem esmola) cinta preta por 30 centavos, alforge por 1 escudo e manta (a peso) por escudo e meio, o que me avolumou a despeza do dia. Havia de tudo melhor e mais caro.

Foi na fabrica que primeiro ouvi termos da giria, com reluctancia ensinados, e mais tarde os accrescentei com vocabulario (truncado por faltar-lhe a letra A), que amavelmente me emprestou o comerciante Manuel Alves Freire, para eu copiar. — Sobre essa giria, disseram-me ter publicado artigos no *Portomozense* e *Leiria Ilustrada*, Antonio de Jesus e Silva, hoje em *Amiaes de Baixo*. Darei conta do pitoresco vocabulario e de breve carta (e respectiva traducção), cujo autographo me facultou o proprietario e negociante Manuel da Costa. Parece ter sido já publicada, em 21 de Janeiro de 1911, no n.º 2786 do *Pimpão*. — Uma dama, das mais distintas e gentis de Porto de Moz, m'a recitou de cór!

Logo no dia 2, para averiguar a veracidade de Pinho Leal, congreguei, perto da rua, que ainda chamam do *Relégo*, pessoas, ás quaes li apontamentos do *Portugal Antigo e Moderno*. Que sim, (disseram) era aquilo mesmo, excepto n'alguns pontos, como não ser a lepra endemica, pois só lá havia um caso, e não existir já a balança em que se pesava toda a lã.—

Já deitado, bateram-me á porta o dono da casa, o sujeito a quem comprara na fabrica, e um 3.º, que por nome não perca, prevenindo-me, em confidencia, que eu na terra conquistara já foros de maluco. Parece que o libelo acusatorio continha, como o que se deduziu contra Sócrates, só tres artigos: 1.º viajar sósinho e a pé; 2.º ter por bagagem compasso, bussola e mapa; 3.º ter-me apressado a comprar cinta, manta e alforje. — Se

caio em negar, passava logo sentença em julgado, conforme a conclusão do libelo. Não cahi na esparrela. Confessei, mas que era de nascença. Estivessem todos descansados, que não haveria novidade. Mal imaginava que, poucos dias depois, me sucederia melhor. Foi o caso que acampando uns mil homens em exercicios militares, brioso official de Leiria, meu companheiro na hospedaria, inteirado de que eu usava, (tendo viajado em 1889 por Alemanha) compasso, mapa e bussola e, além d'isto, fizera despezas com roupas brancas e fato de sovieco ou catrapienha, opinou, entre os camaradas, que eu seria espiã alemão. Felizmente, não cheguei a ser fusilado provisoriamente, até averiguar-se se o que gastava teria afinidade com o *Oiro do Rheno*, imortalizado na *Tetralogia*. A' cautela, fui subcrevendo com 10 centavos para iluminação da terra nos dois dias em que lá estiveram as tropas, e em que houve baile e rija folgança, a que não assisti. Diga embora o proloquio *o habito não faz o monge*, razão teve Quintiliano, que o vestuario recomenda o homem (*Vestis facit hominem*), e Juvenal, n'uma das satiras, que para ser eloquente é necessario vestir bem (*Rara in tenui facundia panno*).

Para vêr-se como anda tudo trocado, basta que em Minde prepondera o gosto das modas de Lisboa, e assim tiram o retrato; ao passo que eu preferia fotografar-me de velho minderico, por ser muito mais pitoresco.

— Mas que admira, se o proprio Japão se vae desnacionalisando, enfarpelando-se á Europeia?

O dia 3 foi cheio. Visitei o antigo solar de João Barreiros, onde se acha a tampa do tumulo de D. David. (O resto, parte em casa de Venancio da Silva, parte na da sr.^a Thereza de Jesus.) Visitei a capela de Santo Antonio das Eiras, e o cerrado do Padre João Vaz (parque do sr. Justino Guedes, que é, ou foi, socio da Companhia Editora), e tambem a Igreja, subindo ao campanario. Não correspondeu ao que esperava. Os azulejos da capela mór (scenas do Novo Testamento) são, se bem recordo, do lado da Epistola Anunciação e Visitação, e do Evangelho Adoração dos Pastores e dos Reis Magos, ou viceversa.

A mulher (a quem gratifiquei com dez centavos) que foi mostrar-me o cemiterio adjacente, era lhana, espirotuosa e conversadeira. A propósito de varias campas, referiu-me tres cousas que me ficaram: que ainda ninguem se divorciara, registára nascimento, ou casára, só civilmente; que havia doze anos um tal Bonifacio, de 73 anos, casára, pela 1.^a vez, com minderica de 24 e que, morrendo a 9 de junho,

deixára quatro filhos legitimos, todos bonitos e desenxovalhados; que, apesar de terem as sogras somenos reputação (a ponto de se dizer que até uma, feita de assucar, essa mesmo amargava) as de Minde eram muito amigas dos genros. E para prova mostrou-me o monumento por uma oferecido á memoria do seu.

Lá está, não longe do de Joaquim Carvalho (o Sanna), analfabeto de talento, a quem os mindericos estimavam; e do de Faustino Frade Coelho (irmão da minha hospedeira), cuja morte fora muito sentida, porque (dizia a Cicerone) *esse rapaz era uma medalha*.

Foi na tarde do dia 3 que percorri a Varzea, em toda a longura e largura. Estava sêca, só tendo dois pequenos depositos que serviam de lavadórios a Minde e Mira.

Separaram as fazendas muros de pedra ensoxa, de altura de homem e que as aguas não desmancham, sendo cortada por amplas canadas, algumas de 6 metros, e mais, para serventia de carros e animaes. Cercada por altas serras, como a de Minde, que atinge a cota de 483 metros, e a de Aire 677, rôtas por cavernas, lapas, boqueirões e algares, comprehende-se que as aguas pluvias, despenhando-se por esses múltiplos condutos, se ajuntem, e procurem altear-se ao nivel de origem. Dois terços da Varzea pertencem á freguezia de Minde e um terço á de Mira, servindo de divisória elevação denominada *Lombeiro*. A geira (cerca de 2.500^m custava, em tempo, dez a doze escudos, hoje dez tantos, apesar de não ser tão feraz, como o vale de D. Toda, a pequena distancia, cujo preço é muito mais elevado, como adiante direi.

ALFREDO ANSUR.

(Continua)

NÓS E A IMPRENSA

VARIOS colegas nossos, nomeadamente da provincia, se nos teem referido com palavras de lisongeiro clogio, e alguns teem levado a sua amabilidade a transcrever na integra artigos nossos, como seja a *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, que transcreveu o artigo «Telegramas em Viagem», *Jornal de Extremoz*, o artigo «O Alemtejo», *Danião de Goes*, de Alemquer, um trecho da conferencia do nosso redactor principal, nas Thermas de S. Pedro do Sul, e o *Jornal de Lafões*, que publicou a integra a mesma conferencia.

Tambem *A Nação* nos tem dirigido elogiosas e frequentes referencias.

A todos os nossos illustres colegas, enviamos os mais expressivos agradecimentos.

CONFERENCIA SOBRE TURISMO

REALISADA NO CASINO DAS THERMAS DE S. PEDRO DO SUL

Conclusão do n.º 9 (pag. 72)

O «SNOBISMO» NACIONAL

E como este, quantos e quantos mais!

De resto, o «snobismo» nacional não encontra aqui atracções.

Que importancia dá a uma pessoa a noticia do «carnet mondain» d'uma gazeta, que o sr. *Fulano de Tal* foi para as *Thermas de S. Pedro do Sul*? Nada, absolutamente nada, até mais: deixa-o n'uma situação inferior.

O *chic* é: Partiu para Paris o sr. *Fulano*; está na Italia o nosso amigo *Cicrano*.

Depois, que luxo! levamos á estação do Rocio os amigos a despedirem-se de nós, e deixam-os a morder de inveja!

E de lá, escrever-se ao Pires, ás meninas Sousas, uma infinidade de postais, contando as maravilhas que vimos, e ocultando que nos levam 20 francos por dois ovos estrelados.

Ora, se assim não fosse, como é que se comprehendia uma pessoa importante em Portugal, quem nos abria a sua casa, qual seria a mulher que nos aceitaria um galanteio?

D'uma vez, uma senhora viajada e muito erudita, arregalou os olhos para mim, por eu lhe dizer que não tinha ainda estado em Londres.

—Mas V. Ex.^a ainda não foi a Sacavem? disse eu.

—Ora, que tem Sacavem de importante?

—Uma fabrica de louça, fornecedora de armazens de Londres, respondi. E acrescentei: Vê, V. Ex.^a nunca foi a Sacavem e eu já fui a Londres, sentado n'uma cadeira do *Chiado Terrasse*.

Como isto tudo, conhecem a Europa mas ignoram a sua terra.

A GUERRA EUROPEIA E OS BENEFICIOS QUE TROUXE AO TURISMO NACIONAL

Os grandes males teem, porém, uma compensação.

A guerra europeia, por exemplo, se outro beneficio nos não trouxe, deu ao menos a conhecer com a sua barreira dos Piryneos, a muita gente, o nosso paiz, até agora occulto.

Aqui teem encontrado, aqueles que iam ao estrangeiro tratar-se das suas doenças, curas maravilhosas nas nossas *Thermas*, o que não acontecera nas aguas de outros paizes.

Mas, o maior beneficio que a guerra

nos ha de dar, é que, uma vez ella terminada, uma avalanche enorme de viajantes da America do Sul irradiará pela Europa, na ancia, sofrega, de admirar a grande derrocada da terrivel contenda, e grande parte d'essa avalanche, na passagem pelo nosso paiz, ha de deter-se para admirar o que de belo possuímos na nossa terra.

A REGIÃO DE LAFÕES PREVILIGIADA PARA O TURISMO

Nenhuma outra região reúne pois, como a de Lafões, tão excellentes prediados para aqui se fazer um centro obrigatorio de turismo. As suas gargantas de agua a ferver bastariam, por si só, para chamar uma grande concorrência; mas, é necessario trabalhar, e para isso chamo a atenção e a energia de vós todos.

O primeiro passo está dado, o caminho de ferro do Vale do Vouga, cujo trajecto nos permite admirar uma paisagem sempre variada, seductora, e admiravelmente ligado nos extremos com tres pontos importantes: Aveiro, Espinho e Vizeu. Mas é preciso que elle vá mais além, que desça de S. Pedro do Sul á Regoa, por Castro Daire e Lamego, que vá de Vizeu ao Tua, e que estenda ainda os seus braços á serra da Estrela, por Mangualde ou Nelas, onde se encontrará no seu «terminus» importantes fabricas que lhe darão vida, e de futuro magníficos Sanatorios que lhe darão desenvolvimento.

Outro problema havia, o grande X da Beira Alta, formado pelo caminho de ferro de Vizeu a Tua e da Regoa a Vila Franca das Naves, mas como este ultimo iria afectar consideravelmente os interesses de outras linhas existentes, estou bem certo que nunca se fará.

LAFÕES PRECISA DE BONS HOTEIS E DO COMPLEMENTO DA SUA REDE FERRO-VIARIA

Ora com estas linhas construidas e as *Thermas de S. Pedro* dotadas de belos hoteis, embora sem luxo, um bom parque, onde o tedio dos banhistas desapareça, e com uma propaganda bem feita, não só das *Thermas* mas tambem da paisagem e dos monumentos regionaes, esta encantadora terra terá uma população fluctuante tão espessa como a da Suissa e da Italia, que hoje milhares de es-

trangeiros percorrem, deixando o seu ouro ás mãos cheias.

Estendendo, portanto a linha do Vouga os seus braços de Vizeu para o Tua e para Mangualde, ou seja a ligação com as linhas hespanholas de Salamanca, de S. Pedro á Regoa, com o seguimento já existente para as Pedras Salgadas, Vidago, e, n'um futuro proximo, para Orense, e as linhas hoje em comunicação de Espinho para o Porto e de Aveiro, pode afoitamente dizer-se que a região de Lafões será o eixo do turismo em Portugal.

Mas a industria do Turismo não traz só o desenvolvimento dos hoteis e do caminho de ferro, engrandece tambem as mais industrias e o grande e pequeno commercio.

Na Suissa e na Italia é tal a maneira de explorar o viajante, que em pequenas casas, á beira da estrada, ha uma meza rodeada de tristes cadeiras, com bolos, refrescos e tabacos, que formam a delicia ao viajante e trazem o pão de cada dia aos seus proprietarios.

Isto á parte a enorme massa de gente que presta insignificantes servicos e exige, com um sorriso, uma elevada gorgeta.

SEM A PROPAGANDA NADA SE FAZ

Mas o principal elemento do turismo é a propaganda, e no nosso paiz já alguma coisa se tem feito, varias colectividades tratam com afam de propagar a nossa terra, e, se me é permitido falar de mim, dir-vos-hei que tambem eu me preocupo com o desenvolvimento turistico na nossa terra e, ha cerca de tres mezes, de parceria com dois amigos, que consagro toda a minha dedicacão á *Revista de Turismo*, primeira publicacão no genero lançada em Portugal, e que tem tido um acolhimento mais que lisongeiro.

Vou terminar, meus senhores, a minha desprezenciosa palestra, suplicando a vós todos, lafonenses amigos, que vos uneis n'uma só ideia e, com o vosso esforço, façais conhecer a toda a gente a vossa terra bem dita, que dignamente o merece, pois é n'ela que parece ainda residir a alma dos ultimos lusitanos.

GUERRA MAIO.

EXPEDIENTE

—Anunciam-se gratuitamente n'esta revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do paiz.